



**Filosofia Política,  
Educação, Direito e  
Sociedade 8**

---

**Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)**

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e  
Sociedade 8

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 8 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 8)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-101-5

DOI 10.22533/at.ed.015190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.  
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
ROUSSEAU, MUITO ALÉM DO CONTRATO	
Mirela Teresinha Bandeira Silva Moraes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0151904021</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>11</b>
A FLUIDEZ DO “FICAR” ADOLESCENTE: BREVE NOTA NA PÓS-MODERNIDADE	
Solange Aparecida de Souza Monteiro	
Karla Cristina Vicentini de Araujo	
Carina Dantas de Oliveira	
Hamilton Édio dos Santos Vieira	
Gabriella Rossetti Ferreira	
Paulo Rennes Marçal Ribeiro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0151904022</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
O PODER, A VIOLÊNCIA E A CRISE DA POLÍTICA EM WALTER BENJAMIN	
Márcio Jarek	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0151904023</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO	
Antonio José Araujo Lima	
Eliane Maria Nascimento de Carvalho	
Nilza Cleide Gama dos Reis	
Ronaldo Silva Júnior	
Welyza Carla da Anunciação Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0151904024</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>34</b>
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E TERCEIRA IDADE	
João Manoel Borges de Oliveira	
Matheus Santos Medeiros	
Hugo Henrique Sousa de Lisboa	
Mariana Melo Mesquita de Siqueira	
Rener Rodrigo Pires	
Talita Neri Caetano de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0151904025</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>45</b>
PARADIGMAS DA ESTRUTURAÇÃO FAMILIAR NO DESENVOLVIMENTO EPISTEMOFÍLICO INFANTIL	
Aline Aires da Costa	
Giovani Zago Borges	
Veruska Vitorazi Bevilacqua	
<b>DOI 10.22533/at.ed.0151904026</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>52</b>
PROTAGONISMO RESPONSÁVEL: A LÓGICA DO DEVER NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA, DO PROFISSIONALISMO E DA LIDERANÇA	
Wílian Mauri Friedrich Neu	
DOI 10.22533/at.ed.0151904027	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>62</b>
SIGNO VERBAL E LUTA DE CLASSES: A ARENA DISCURSIVA DE TRÊS POSIÇÕES AXIOLÓGICAS SOBRE O CORTE DE GASTOS NO GOVERNO TEMER	
José Ronaldo Ribeiro da Silva	
Juliane Vargas	
Carlos Sergio Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.0151904028	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>74</b>
TEIAS DE DIÁLOGOS FEMININOS. A GRAPHIC NOVEL “BORDADOS” E A UTILIZAÇÃO DE TEXTOS MULTIMODAIS PARA UM ENSINO PROCESSUAL: DA ESCRITA À PRÁTICA SOCIAL	
Regimário Costa Moura	
Felipe Marinho da Silva Neto	
DOI 10.22533/at.ed.0151904029	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>87</b>
PROPOSIÇÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS PARA UMA EDUCAÇÃO COMPROMETIDA COM A CRIANÇA EM SITUAÇÃO DE RISCO, VULNERABILIDADE E INVISIBILIDADE SOCIAL	
Maria Aparecida Camarano Martins	
Joelma Carvalho Vilar	
Sheyla Gomes de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.01519040210	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>93</b>
PROPOSTA INVESTIGATIVA DE CRIAÇÃO DE INSTRUMENTO AUXILIADOR DA APRENDIZAGEM	
Made Júnior Miranda	
DOI 10.22533/at.ed.01519040211	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>106</b>
OS JOGOS EDUCATIVOS COMO FERRAMENTA DO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM NA ENFERMAGEM: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Fillipi André dos Santos Silva	
Sheila Saint Clair da Silva Teodósio	
Soraya Maria de Medeiros	
Ana Elisa Pereira Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.01519040212	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>112</b>
OS RUMOS DA PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE O EHPS	
David Budeus Franco	
DOI 10.22533/at.ed.01519040213	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>118</b>
PLANEJAMENTO DA AÇÃO DIDÁTICA: IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DA ROTINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Maria Karoline Nóbrega Souto Dantas Lucivânia Maria Cavalcanti Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040214</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>125</b>
PROGRAMA NACIONAL DE ACESSO AO ENSINO TÉCNICO E AO EMPREGO–PRONATEC: A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO SOBRE CURSOS TÉCNICOS DE NÍVEL MÉDIO EM ENFERMAGEM	
Maria José Fernandes Torres Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares Fábio Alexandre Araújo dos Santos Ana Lúcia Sarmento Henrique Ilane Ferreira Cavalcante	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040215</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>138</b>
REFLEXÕES ACERCA DA (IN) VISIBILIDADE DA CRIANÇA NA TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL	
Marcia Cristina Argenti Perez Estefânia Coelho Chicarelli	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040216</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>148</b>
AGREGANDO SABOR AO TRABALHO DO MOVIMENTO CAMPONÊS: EMPREGO DO EXTRATO DE SEMENTE DE MORINGA NA TECNOLOGIA DE DERIVADOS LÁCTEOS FERMENTADOS	
Jaqueline Vaz da Silva Thyago Leal Calvo Ed Carlo Rosa Paiva Jupyrcyara Jandyra de Carvalho Barros	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040217</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>154</b>
PENSAR, MOTIVAR E CRIAR COM A DIFERENÇA: CINEMA, ESCOLA E ALTERIDADE	
Andréa Casadonte Carneiro Leão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040218</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>162</b>
PINTAR, DESENHAR, “ARTESANAR”: O ARTESANATO COMO PRODUÇÃO SIMBÓLICA ESTÉTICA DA LEITURA DO MUNDO POR CRIANÇAS	
Franciane Sousa Ladeira Aires	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040219</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>177</b>
PROMOVENDO A ACESSIBILIDADE NO IMEPAC: AÇÕES COTIDIANAS FACILITADORAS DA CONVIVÊNCIA E COM RESPEITO AOS DIREITOS HUMANOS	
Ana Lúcia Costa e Silva Laurice Mendonça da Silveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040220</b>	

<b>CAPÍTULO 21 .....</b>	<b>185</b>
PESQUISA E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NO SERVIÇO SOCIAL NOS ANOS 2000	
Jéssica Pereira Cosmo da Silva	
Bernadete de Lourdes Figueiredo de Almeida	
Lucicleide Cândido dos Santos	
Ângela Kaline da Silva Santos	
Larissa dos Santos Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040221</b>	
<b>CAPÍTULO 22 .....</b>	<b>194</b>
OBJOR-MT - OBSERVATÓRIO DA ÉTICA JORNALÍSTICA EM MATO GROSSO: LEITURAS DE MUNDO, EDUCAÇÃO PARA AS MÍDIAS E DEONTOLOGIA JORNALÍSTICA	
Rafael Rodrigues Lourenço Marques	
Gibran Luis Lachowski	
Débora Muller Padilha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040222</b>	
<b>CAPÍTULO 23 .....</b>	<b>207</b>
A INFLUÊNCIA DA SOCIOLOGIA DA INFÂNCIA E DA EDUCAÇÃO SOCIAL NOS ESTUDOS SOBRE BRINQUEDOTECAS EM DIFERENTES CONTEXTOS: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR	
Ercília Maria Angeli Teixeira de Paula	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040223</b>	
<b>CAPÍTULO 24 .....</b>	<b>215</b>
A QUESTÃO DO DISCURSO OFICIAL SOBRE A PROPOSTA DE ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA INFANTIL NO BRASIL (2000-2010)	
Vanildo Stieg	
Regina Godinho de Alcântara	
<b>DOI 10.22533/at.ed.01519040224</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>232</b>

## PINTAR, DESENHAR, “ARTESANAR”: O ARTESANATO COMO PRODUÇÃO SIMBÓLICA ESTÉTICA DA LEITURA DO MUNDO POR CRIANÇAS

**Franciane Sousa Ladeira Aires**

Universidade Federal de Lavras, Núcleo de  
Educação da Infância  
Lavras - MG

**RESUMO:** O presente texto tem como propósito destacar o artesanato, expressão estética da cultura popular, da comunidade do Bichinho, Prados/MG, em perspectiva de uma Educação que possibilite expressar e (re)significar a leitura do mundo de crianças da escola pública da referida comunidade. Sob a perspectiva crítica de Mikhail Bakhtin e Paulo Freire, os conceitos de arte e estética são reconhecidos como a expressão da vida, dos sentidos, do ato responsável, da educação em sua *boniteza* e decência. Os conceitos estéticos bakhtinianos e freireanos descortinam sentidos que podem ser relacionados ao artesanato, expressão da identidade cultural, em contextura educativa, em prol de uma pedagogia crítica e libertadora. O artesanato, arte das mãos que são extremamente culturais, é concebido como a expressão estética de mãos que agem, pensam, refletem e transformam. A arte das mãos também é assumida como aparato estimulador de uma práxis educativa vinculada à criticidade, ao ato político, à autonomia, à libertação, à conscientização, à humanização. Sendo assim, podemos pensar o artesanato, através de pistas

que o desenho infantil nos concede, como uma produção simbólica estética em que crianças, assumidas como produtoras culturais, possam expressar e (re)significar, ao pintar, desenhar e “artesanar”, a partir do próprio contexto, seus sentidos e suas leituras de mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estética; Artesanato; Leitura do mundo; Crianças.

**ABSTRACT:** This article aims to highlight the craft, aesthetic expression of popular culture, of the community of Bichinho in Prados in Minas Gerais, in the perspective of an Education that makes it possible to express and (re)signify the reading of the children’s world from the public school of the community. From the Mikhail Bakhtin and Paulo Freire’s critical perspective, the concepts of art and aesthetics are recognized as the expression of life, of the senses, of the responsible act, of the education in its beauty and decency. The Bakhtinian and Freirean aesthetic concepts reveal meanings that can be related to craft, an expression of cultural identity, in an educational context, in favor of a critical and liberating pedagogy. The Craft, an art of hands that are extremely cultural, is conceived as the aesthetic expression of hands that act, think, reflect and transform. The art of hands is also assumed as a stimulating apparatus for an educational praxis linked to the criticality, political action, autonomy, liberation, awareness

and humanization. Thus, we can think the craft, through the clues that children's design gives us, as a symbolic aesthetic production in which children, assumed as cultural producers, can express and (re)signify, when painting, drawing and "make crafts", from their own context, their senses and their world readings.

**KEYWORDS:** Aesthetics; Crafts; Reading the world; Children.

## 1 | INTRODUÇÃO: O INÍCIO PARA O "ARTESANAR"

[...] espero que não esteja esquecido de que a humanidade começou a pintar muito antes de saber escrever, conhece o rifão, se não tens cão caça com gato, por outras palavras, quem não pode escrever pinta, ou desenha, é o que fazem as crianças [...].

JOSÉ SARAMAGO

Se não podemos escrever, então vamos pintar, desenhar, "artesanar". Este "artesanar" é um neologismo criado por mim com a pretensão de descortinar uma expressão referente ao fazer, ao produzir não só artesanatos, mas tudo que envolve o ser e a vida. Assim, as palavras de José Saramago me instigam a pensar o artesanato, como uma produção simbólica infantil, que expresse esteticamente, os sentidos das crianças, como gente e agentes culturais.

O "artesanar" deste capítulo iniciou-se a partir do desejo de compreender os sentidos que as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental da escola pública municipal da comunidade do Bichinho, da cidade de Prados/MG, constroem para a leitura da *palavramundo* a partir de uma proposta de alfabetização emancipadora mediada pelo artesanato como *quefazer* em cultura popular.

O que move a presente discussão é o interesse em refletir sobre os sentidos que Mikhail Bakhtin, o filósofo russo da linguagem, e Paulo Freire, educador crítico e progressista brasileiro, traçam sobre arte e estética a fim de relacioná-los ao artesanato, em contextura educativa, como forma de expressar esteticamente e (re)significar a leitura do mundo pelas crianças. Nessa perspectiva, o artesanato, expressão potente da identidade cultural da comunidade do Bichinho, é destacado como contextura para uma prática educativa emancipadora com crianças da escola municipal do local.

Para instigar a pensar o artesanato como uma produção cultural estética infantil, primeiramente, desenvolvo um breve estudo bibliográfico sobre os conceitos de arte e estética em Bakhtin e Freire. Em seguida, teço algumas considerações sobre artesanato, perpassando por uma breve contextualização do mesmo na comunidade do Bichinho e sua possível relação com uma prática educativa. Por fim, trago algumas contribuições para, então, refletir sobre o artesanato, como produção simbólica estética das crianças, e como (re)leitura do mundo das mesmas.

## 2 | ARTE E(M) VIDA, ARTE E(M) EDUCAÇÃO: SENTIDOS ESTÉTICOS BAKHTINIANOS E FREIREANOS

Arte e responsabilidade: estética e ética. Unir vida e arte, arte e vida. Todavia, arte e(m) vida, e vida e(m) arte não se coadunam se vigoram elementos mecanicistas. É preciso penetrar a unidade interna dos sentidos e isto é garantido pela unidade da responsabilidade (BAKHTIN, 2011).

Bakhtin (2012) pensa o mundo da arte em concretude - a atividade, a visão e a contemplação estética – integrada na vivencia do ato histórico do existir evento único, ou seja, “meu ser-existência carece de valor estético” (BAKHTIN, 2011, p. 102) e também ético. Desse modo, o “ato estético dá à luz o existir em um novo plano axiológico – o plano do pensamento sobre o mundo, nascem um novo homem e novo contexto axiológico – o plano do pensamento sobre o mundo humanizado” (BAKHTIN, 2011, p. 177).

Assim, a estética é um acontecimento que deve ocupar um lugar responsável e singular na vida, por isto deve “chegar perto da compreensão arquitetônica do mundo real do evento” (BAKHTIN, 2012, p. 124). Com essa concepção o filósofo assume a estética correlacionada ao ser, ao homem, ou seja, “o centro valorativo da arquitetônica do evento da visão estética é um ser humano” (BAKHTIN, 2012, p.127).

A unidade do mundo da visão estética não é uma unidade de sentido, não é uma unidade sistemática, mas uma unidade concretamente arquitetônica, que se dispõe ao redor de um centro concreto de valores que é pensado, visto, amado. [...] a visão estética não conhece limites – deve estar correlacionado a um ser humano, deve tornar-se humano (BAKHTIN, 2012, p.124).

Desse modo, o caráter da estética envolve um centro de valores que nem sempre é construído sob a positividade. Os valores negativos também são estéticos. O ato criador é o amor estético, é um colorido emocional (BAKHTIN, 2011). Dessa forma, “você não ama o ser humano porque é bonito, mas ele é bonito porque você o ama” (BAKHTIN, 2012, p 125). Ou seja, o centro valorativo estético tem como base o amor ao ser humano.

Assim, o centro valorativo da arquitetônica do evento da visão estética é um ser humano [...] como uma realidade concreta amorosamente afirmada. Nesta, a visão estética não faz absolutamente abstração dos possíveis pontos de vista de valores, não apaga a fronteira entre o bem e o mal, entre o bonito e o feio, entre a verdade e a mentira; a visão estética conhece e encontra todas estas diferenças no interior do mundo contemplado, mas estas diferenças não surgem dele como critérios últimos, como princípio de ver e formar o que é visto, mas elas permanecem no interior desse mundo como momentos constituintes da sua arquitetônica (BAKHTIN, 2012, p. 127-128).

Isso não significa que não há critérios de seleção. Há. E, Bakhtin (2012) afirma que “a visão estética também conhece, é claro, ‘princípios de seleção’, mas esses são todos arquitetonicamente subordinados ao centro valorativo soberano da contemplação – um ser humano” (p. 128), colorido emocionalmente com cores ora vibrantes ora

escuras.

Portanto, entendendo como um princípio estético, podemos falar de um amor estético objetivo, mas, como Bakhtin (2012) diz, esse amor não é uma expressão psicológica passiva. O amor tem condição de afirmar e consolidar, sem perder, sem desperdiçar e sem deixar atrás apenas um esqueleto nu de linhas e momentos de sentido fundamentais. É um amor desinteressado que torna belo o que ama e pode “desenvolver uma força muito intensa para abraçar e manter a diversidade concreta do existir, sem empobrecê-lo e sem esquematizá-lo” (p.128).

Uma reação indiferente ou hostil ignora e supera a estética, é uma reação que desintegra e empobrece o existir evento único e se exime do ato responsável. Logo, a estética precisa ser construída com tons emotivo-volitivos, de atitudes participativas tanto do autor/criador, tanto do herói/personagem, como também do contemplador.

Com um só e único participante não pode haver acontecimento estético; a consciência absoluta, que não tem nada que lhe seja transgrediente, nada distanciado de si mesma e que a limite de fora, não pode ser transformada em consciência estética, pode apenas familiarizar-se mas não ser vista como um todo passível de acabamento. Um acontecimento estético pode realizar-se apenas na presença de dois participantes, pressupõe duas consciências que não coincidem (BAKHTIN, 2011, p. 19-20).

De acordo com Bakhtin (2011, p. 91, grifos do autor), “a interpretação estética e a estruturação do corpo exterior e seu mundo são uma *dádiva* de outra consciência – da consciência do autor-contemplador à personagem; não é uma expressão desta de dentro de si mesma mas uma atitude criadora do autor-*outro* para com ela”. A arte também precisa da alteridade, pois não basta existir apenas o artista, é preciso que haja quem vai admirá-la, quem vai concedê-la um novo sentido. Assim, “qualquer coisa no material de uma obra de arte que não pode participar da comunicação entre criador e contemplador, que não pode se tornar o ‘médium’, o meio de sua comunicação, não pode igualmente ser o recipiente de valor artístico” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1976, p. 05). Assim, momento essencial, mas não único, da estética é a empatia, a alteridade.

A empatia estética [...] pode fornecer somente a visão estética do que é colocado externamente ao sujeito (e do próprio sujeito como colocado fora da sua atividade, isto é, na sua passividade). A empatia estética com aquele que participa de um evento não significa ainda alcançar a plena compreensão do evento; [...] Por mais que eu conheça a fundo uma determinada pessoa, assim como eu conheço a mim mesmo, devo, todavia, compreender a verdade da nossa relação recíproca, a verdade do evento uno e único que nos une, do qual nós participamos (BAKHTIN, 2012, p. 65).

Além do amor objetivo, da empatia, da alteridade, a estética constrói sua arquitetônica através da exotopia, pois de forma ativa e eficaz complementa as ações artísticas. Sobre a exotopia, Bakhtin (2011) diz que “o excedente de visão é o broto em que repousa a forma e de onde ela desabrocha como uma flor” (p. 23), mas que esse excedente de visão, ao completar o horizonte do outro não deve interferir na originalidade estética do outro.

A arquitetônica da atividade estética é uma participação concreta, responsável e “significa relacionar o objeto ao plano valorativo do outro” (BAKHTIN, 2012, p. 143) e proporcionar “um fundo transgrediente a si mesmo” (BAKHTIN, 2011, p. 15). Desse modo, a atividade estética exige a compenetração, ou seja, vivenciar, ver e inteirar com o outro, mas sempre retornar ao seu lugar para podermos dar o (in)acabamento ao material dessa compenetração.

Para Bakhtin (2011, p. 91), “o homem na arte é o homem integral”, por isto, se deve estudar e analisar a arte, sem fazer uma separação entre conteúdo, forma e material, ou seja, o artístico é uma totalidade, “*uma forma especial de inter-relação entre criador e contemplador*” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1976, p. 5, grifos do autor), além de ser impregnado e envolto à história e à cultura.

Assim, compreendo arte como um entrelaçamento de atos e sentidos, ou seja, ação e expressão. Bakhtin (2012) se dedica à reflexão sobre a “atividade estética como ação, não a partir do interior do seu produto, mas do ponto de vista do autor enquanto participante responsável” (p. 115).

Se arte é ação, como participação responsável, e expressão, o que vem a ser expressão? Bakhtin nos ajuda a refletir quando afirma que a definição mais simples e grosseira nos revela que “expressão é tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1992, p. 111).

Refletindo e refratando o mundo, o ato responsável e a expressão estética se “artesanam” de muitos modos. Um deles está presente nos gestos, forças que geram a criatividade e organizam a forma artística. Tais gestos residem nas *mãos*, estimulam o agir estético das habilidades manuais, conforme relata Bakhtin (2011) que a “criação amorosa e ativa da forma espacial através das linhas e cores, o movimento-gesto que cria e gera de fora a forma com movimento da mão e do corpo inteiro” (p. 88). Tais movimentos vencem, expressam e imitam a vida, dando um colorido emocional a mesma.

Percebemos que Bakhtin ao relacionar arte e responsabilidade, a atividade estética se configura, também, como uma atividade ética. Sendo assim, os sentidos estéticos em Bakhtin, os quais entrelaçam arte e(m) vida, vida e(m) arte, são importantes para que se compreenda o artesanato como um ato e uma expressão participativa do povo. São sentidos que eclodem para podermos pensar a estética na esfera educativa. Daí, como um ato responsável, colorido emocionalmente, em movimentos estéticos de amor, empatia, alteridade e exotopia, buscamos fundamentos em Paulo Freire para entrelaçar e expandir estes sentidos.

Arte e(m) Educação: arte e Educação e arte em/na Educação. Unir arte e Educação, Educação e arte é um *quefazer* que Freire sempre defendeu.

Barbosa (1996, p. 637) afirma que “poucos sabem que Paulo Freire esteve ligado a Arte-Educação desde os inícios de sua ação educacional”. O educador manteve

relação de estudo, trabalho e pesquisa com as arte-educadoras Noemia de Araújo Varela, que representa o pensamento modernista, baseado nas teorias críticas, e Ana Mae Barbosa, de pensamento pós-modernista baseado nas teorias pós-críticas (SILVA; AZEVEDO; SANTOS; ARAÚJO, 2013).

Freire foi presidente da Escolinha de Arte do Recife nos idos de 1950 e sua esposa Elza foi uma das pioneiras a integrar a arte na escola pública, articulando o fazer artístico á alfabetização (BARBOSA, 1996).

Em atividade no Movimento de Cultura Popular, o educador teve contato com o artista Abelardo da Hora, que trabalhava com jovens das camadas populares, em um ateliê improvisado no sítio Trindade, sede do movimento. Tal artista, segundo Freire (2015), era um “testemunho de confiança na criatividade e na capacidade humana de transformar o mundo” (p. 187), pois tinha como tese que “desenhar o mundo, retratar coisas, usar outras linguagens não era privilégio de uns poucos. Toda gente pode fazer arte, o que não significa poder toda gente ser um marcante artista” (p.186). E, sobre isso, discorre que a escola, geralmente, nos inibe os atos artísticos,

fazendo-nos *copiar* modelos ou simplesmente dar cor a desenhos que não fizemos, quando, ao contrário, nos devia desafiar a arriscar-nos em experiências estéticas. Afinal faz parte da natureza da prática educativa a *esteticidade*, quer dizer, a qualidade de ser *estética*, de não ser alheia á boniteza (FREIRE, 2015, p.186, grifos do autor).

Como Freire valorizava a estética e a relação entre a palavra e a imagem, para o trabalho nos Círculos de Cultura solicitou ao artista pernambucano Francisco Brennand imagens que representavam temas a ser discutidos com os alfabetizandos. A arte e a estética, segundo ele, são importantes para o processo de alfabetização, para além do mero ler, escrever e contar. Dessa forma, a vivacidade da expressão leitura do mundo, vai além de palavras e sentidos, pois há o entrelaçamento entre palavra e imagem. Arte e(m) Educação provoca problematizações, desconfianças do óbvio.

Paulo Freire compreende o valor pedagógico da arte, o qual indica que a leitura do mundo deve estar entremeada à dimensão estética e artística. Estas duas dimensões devem estar presentes na formação do educador e do educando “para que ambos (educadores e educandos) alcem voos libertários e humanizadores” (AZEVEDO, 2013, p. 10-11).

Em Freire não há como existir uma prática educativa em que se desvincule a estética da ética. Estética e ética, uma ao lado da outra, representam decência e *boniteza* de mãos dadas. Estética e ética propiciam criticidade, e não ingenuidade, e nem opressão. Ou seja, não é possível uma formação “indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros” (FREIRE, 1996, p.20).

Assim, podemos pensar a estética freireana que se “artesana” com a *boniteza* do processo educativo, com os sentimentos de esperança, solidariedade e ética, que valorizam a expressão, a comunicação, o conhecimento, as leituras de mundo e despertam a sensibilidade com e no mundo. Pois, não é possível estar no mundo “sem

fazer cultura, sem sonhar, sem cantar, sem pintar, sem esculpir, sem cuidar da terra, das águas, sem filosofar, sem pontos de aprender, sem ensinar” (FREIRE, 1996, p. 24), ou seja, sem se “artesanar”.

Freire (2013a) afirma que há outra forma de nos envolver com a estética, através de um olhar curioso, é a curiosidade estética,

que me faz parar e admirar o “pôr do sol” em Brasília, por exemplo. É a que detém como se me perdesse na contemplação, observando a rapidez e elegância com que se movem as nuvens no fundo azul do céu. É a que me emociona em face a obra de arte que me centra na boniteza (FREIRE, 2013a, p. 135).

Assim, Freire representa um autêntico “educador estético” (REDIN, 2010), pois ele se “artesanava” com toda *boniteza* e *inteireza* de estar no e com o mundo, na e com a história, na e com a Educação. A estética é a forma sensível de estar no mundo, é lugar da liberdade de escolha, da intervenção crítica e consciente, do agir valorativo para a humanização. Logo, a estética está presente além das atividades ditas artísticas. A estética se refere a todos os processos de relações, de curiosidade, de conhecimento, de experiências, de sentido.

Um acontecimento, um fato, um feito, uma canção, um gesto, um poema, um livro se acham, sempre envolvidos em densa tramas, tocadas por múltiplas razões de ser de que algumas estão mais próximas do ocorrido ou do criado, de que outras são mais visíveis em razão de ser (FREIRE, 1992, p. 09).

O “artesanar” estético freireano, de mãos dadas à Educação e à vida, possibilita que nossas crianças se reconheçam como participantes e construtores de suas próprias histórias. Assim, a arte e(m) Educação e a estética permitem a libertação de sentidos, através da leitura do mundo, longe de práticas educativas incompreensíveis, elitista e descontextualizadas.

A Educação é uma arte, é um artesanato, onde o educador se reconhece como artista, como artesão e tem gosto pelo que faz e refaz. Ao educador, imbuído de sensibilidade e criticidade, cabe refazer, redesenhar, recantar e redançar o mundo (FREIRE, 2013b), despertando a esteticidade do educando. Desse modo, podemos pensar a estética para envolver o artesanato e(m) vida, e(m) Educação.

### 3 | ARTESANATO E(M) BICHINHO, ARTESANATO E(M) EDUCAÇÃO

A arte desenvolvida, essencialmente, através das habilidades manuais originou o que conhecemos como artesanato, que deriva da palavra latina *artis-manus* (CARMO, 2011). É arte em movimento, é ato das mãos, logo é cultura.

Historicamente, esta arte das mãos foi atrelada às camadas populares sendo discriminada. O artesanato, muitas vezes, é considerado uma arte menor e fora dos padrões da sociedade dita erudita e intelectual. Muitos o descriminam por ser fonte de sobrevivência, e desta forma, o lança para outra esfera, para fora da própria arte, e conseqüentemente, do mundo da cultura. Relegam também ser o artesanato um

trabalho manual feito em série, tratado como mera mercadoria.

Geraldi (2010) defende todas as formas de expressões artísticas, uma vez que todas constituem a experiência estética e a capacidade de criar dos homens.

Quando o olhar para as construções estéticas deixarem de lado as classificações que tornam desigual tudo o que é diferente – escultura deles é “artesanato”; o poema deles é literatura de cordel, as artes plásticas deles são ingênuas; a crítica deles é ideologia – talvez reencontraremos na experiência estética o que de comum compartilhamos como homens – a capacidade de criar (GERALDI, 2010, p. 115).

Dessa forma, o artesanato não deve ser desvalorizado como uma arte menor, antes de tudo, é a expressão da vida, da alma, da sociedade. Basta relacionarmos o significado de artesanato: mãos hábeis, mãos ágeis, mãos de ação; com o sentido bakhtiniano e freireano de arte: são gestos que expressam as emoções, a história e a cultura em um conjunto de interações, mas acima de tudo são mãos que interagem com e no mundo, inovam, renovam, perseveram, criam, comunicam, transformam a realidade, fazem renascer, enfim, leem o mundo.

Veja que a *mão humana é tremendamente cultural*. Ela é *fazedora*, ela é *sensibilidade*, ela é *visibilidade*; a *mão faz proposta*, a *mão idealiza*, a *mão pensa e age*. E eu faço ênfase nesses movimentos pelos quais o corpo humano vira corpo consciente (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p. 34, grifos meus).

Nesse sentido, o artesanato pode contribuir com o despertar da consciência crítica, da curiosidade. Por ser uma forma de expressar a arte, abre a oportunidade para explorar, construir conhecimento, articulando sentimentos, através do ato responsável.

O artesanato feito pela mão cultural é sentido e compartilhado pelo corpo, pelos outros. “Artesana” vida, significados e sentidos que estão em comunhão ao mesmo tempo em que estão em constante transformação.

Ao tecer minha visão de mundo sobre artesanato, o faço como ARTE, como expressão estética da cultura popular. E sustento essa concepção com base no que apreendi dos sentidos estéticos bakhtinianos e freireanos, pois a estética é uma expressão humana essencialmente social, carregada de história, de participações, de interações, de *boniteza* e decência.

O artesanato é uma forte expressão estética da Cultura Popular. Tal expressão estética se destaca na comunidade de Vitoriano Veloso, conhecida por Bichinho, pertencente ao município mineiro de Prados.

O “artesanar” do Bichinho foi estimulado, no início dos anos de 1990, com chegada da Oficina de Agosto (oficina de artesanato que valoriza as expressões artesanais da diversidade cultural brasileira e mantém um compromisso com a sustentabilidade social e ambiental, ajudando a construir melhores condições de vida para as pessoas), que despertou habilidades, criatividade e sensibilidade nos habitantes da comunidade. Em épocas anteriores, podíamos até encontrar os mais variados ofícios artesanais como bordadeiras, marceneiros, doceiras, pedreiros, carpinteiros, tapeceiras, construtores de adobe, arreateiros, tecelãs que ainda não tinha descoberto o real valor do seu “artesanar”. Hoje, o artesanato faz parte da identidade cultural da comunidade:

“artesana” madeira, ferro, palha, papel machê, crochê, etc., surgem móveis, telas, bordados, fuxicos, crochês, toalhas, almofadas, tapetes, esculturas, quadros, sem contar a produção artesanal de doces, tradição que é compartilhada entre gerações.

Bichinho, um lugarejo inventivo no meio de Minas que se “artesana”, estimula e valoriza o fazer estético das potencialidades da mão. Dessa forma, podemos aproveitar as potencialidades do artesanato para vinculá-lo à Educação? Podemos usar os sentidos do artesanato em uma pedagogia crítica e renovadora, para que nossos alunos se tornem sujeitos e agentes da própria história, e sejam estimulados a expressar e (re)significar seus sentidos?

O artesanato em contextura educativa se “artesana” no experienciar, no criar. O essencial não é ter talento, se o que se faz é certo ou errado. A essência desta prática educativa está vinculada à vivência, aos sentidos e não à competição e hierarquizações.

Penso a arte/estética em Bakhtin e Freire para promover uma Educação que se “artesana” com diálogo, criticidade, ato responsável, ato criador, renovação, autonomia, conscientização, e principalmente, humanização. O artesanato se torna a contextura para desenvolver uma proposta educativa que une vida e escola em contexto. Bakhtin e Freire me fazem pensar em uma Educação que seja práxis do “artesanar” sentidos. Em outras palavras, uma pedagogia que seja ação e reflexão sobre e com a realidade das crianças.

Desse modo, se “artesana” a Educação, ou seja, buscando na própria contextura, na própria cultura, na própria cultura popular, os recursos para uma proposta educativa. Esse movimento é importante para que todos os sujeitos do processo educativo, educadores e educandos, produzam, (re)criem significados e sentidos e transformem suas vidas, suas histórias.

Daí que as crianças possam expressar seus sentidos através de sua cultura popular, refletindo sobre o Artesanato de sua comunidade. Artesanato propiciando que os alunos “artesanam” sua própria cultura, sua própria visão estética, seus sentidos, suas vidas na unidade de um *quefazer responsável*. Artesanato que exale significados e sentidos de si, de sua visão micro e macro de mundo.

#### **4 | “ARTESANAR INFANTIL”: PRODUÇÃO SIMBÓLICA ESTÉTICA DA LEITURA DO MUNDO DAS CRIANÇAS**

Sabemos que um pássaro voa com um par de asas, e nós com o inacabável das nossas ideias.

Carlos Rodrigues Brandão

O inacabável das nossas ideias cria asas da invenção, do (re)criar... Asas para voar não apenas no mundo, mas com o mundo. As palavras de Brandão permitem que eu alce voo, com asas da incompletude, não com asas físicas, mas asas sociais, porque permitem a construção e participação da história, através das ideias. Assim, o

inacabável de nossas ideias me instiga a pensar o artesanato como asas para que as crianças alcem voos, sendo gente e agente da própria história, ao criar suas culturas, com suas leituras de mundo.

As crianças possuem seu modo próprio de se “artesanar”, ou seja, são detentoras de uma linguagem própria, de movimentos, de desejos, de medos, de sonhos, de singularidades, criam e recriam, erram e aprendem.

Desse modo, penso o artesanato como asas para que as crianças alcem voos, sendo produtoras da própria história, ao criar suas culturas. Elas são gente e agente, modificam, transformam e interagem no e com o mundo, têm asas para as ideias voarem, inventarem e brincarem...

A criança não pensa o mundo para expressá-lo na brincadeira, mas o significa através dela (GOUVÊA, 2011, p. 554). “Mas quem cria um brinquedo e junto com outras pessoas brinca com ele, cria uma cultura. Cria um momento próprio e original de viver a seu modo a experiência de estabelecer pelo menos alguns termos de um existir por conta própria” (BRANDÃO, 2002, p. 199).

Dessa forma, as crianças são produtoras culturais, “sujeitos activos na produção cultural da sociedade” (SARMENTO, 2006, p. 03). Assim podemos falar em “artesanar”, em culturas infantis que nas palavras de Sarmiento (2006, p. 06), são “as acções dotadas de sentido, os processos de representação e os artefatos produzidos pelas crianças”.

Ainda, segundo Sarmiento (2006), as crianças são competentes e capazes de construir “interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidarem com tudo o que as rodeia” (p. 06). Com essa convicção, é que vejo o artesanato, expressão estética da cultura popular da comunidade do Bichinho, como disparador de sentidos para as produções simbólicas das crianças, em que as mesmas possam ler o mundo e produzir cultura.

É por isso que a escola deve aproveitar o potencial da cultura popular, como a expressão do artesanato, e deixar as crianças fazerem o que mais sabem: imaginar e criar. Gouvêa (2011, p. 555), nos diz que a “imaginação apresenta-se não exatamente como capacidade da criança fabular, mas de extrair, das situações cotidianas e das interações concretas, seus elementos prototípicos que permitem significar a cultura”.

Todavia, a instituição escolar, comumente, vai de encontro com o ato imaginativo e criativo infantil. A escola submete as crianças a um trabalho pedagógico que camufla a criatividade das mesmas, ao assumir-se como uma instituição que tem o controle do ato de criar e que, em nome do ensino, acaba por “destruir” a arte, destituir o ato criativo e a curiosidade. Consequentemente, “corre o risco de invadir domínios ainda livres da experiência infantil de lidar com o mundo”, impedindo “o curso da experiência autônoma que é a condição de o próprio ato criativo ser realizante socializador” (BRANDÃO, 2002, p. 181-182).

Contudo, a escola pode e tem potencialidades para sair dessa condição de

opressora da criatividade. Basta incorporar a concepção que visualiza as crianças como sujeitos da história e agentes criadores de cultura. Basta à escola se transformar e soltar as amarras do tradicionalismo que sufoca o “artesanar” infantil.

Nesse sentido, através da vivência do artesanato, é possível que a escola se abra para que as crianças sejam estimuladas a criarem artesanatos, como uma “*produção simbólica*, isto é um acto social onde se exprimem modos específicos de interpretação do mundo” (SARMENTO, 2006, p. 14). Mas é preciso que os educadores também estejam abertos para as culturas infantis, em uma relação de alteridade. Assim, a criança “na interação cotidiana, introjeta as categorias de apreensão do mundo” (GOUVÊA, 2011, p. 552).

Pela representação do outro, a criança incorpora, nos seus próprios traços, as linhas com que o outro inscreveu o mundo. [...] Há também uma ideia que se infiltra e se polariza em múltiplas direcções: a de que o outro é o mesmo de si e o mesmo um outro para o outro. E pelo diálogo do outro e do mesmo, se aprende o mesmo a outrar-se. É isso uma pedagogia da interculturalidade, que reconhece a diferença mas recusa a desigualdade (SARMENTO, 2006, p. 12).

Nesse movimento de “outrar-se”, de interpretar o mundo com os traços do outro, mas traçando sua singularidade e diferença, a criança coloca sua presença, sua marca, sua produção, cria cultura. Assim, ao pensarmos em produção simbólica das crianças, comumente, pensamos no desenho infantil, já que o desenho expressa o que vemos, pensamos e sentimos.

A ação de desenhar não se reduz somente às habilidades manuais, artesanais, materialmente visíveis. O desenho é, sobretudo, construção do pensamento. O desenho – linguagem tão antiga e tão permanente na civilização – atravessa todos os tempos, manifestando-se em distintos suportes, instrumentos, materiais, nos ofertando um repertório extenso de possibilidades espaciais, manifestações e atuações, não restrito e circunscrito apenas dentro do universo gráfico (DERDYK, 2014, p. 129)

Para pensar o artesanato como produção simbólica e cultural das crianças, o desenho me concede pistas para tal. Acredito que quando uma criança “artesana” ela está em estreita relação com a imaginação e o criar que requerem o desenho, pois “o desenho não representa o real: o desenho cria o real imaginado” (SARMENTO, 2006, p. 11). O artesanato, assim como o desenho, exala sentidos, tenta representar o pensamento de quem o fez.

O desenho é especialmente apropriado para aceder a formas de expressão de crianças pequenas. Todavia, essas formas só são verdadeiramente acessíveis se forem contextualizadas. [...] Os desenhos são interpretáveis à luz das culturas infantis e, nomeadamente dos seus pilares estruturantes: a cultura lúdica, a fantasia do real, a interactividade e a reiteração (SARMENTO, 2006, p. 14).

Em consonância com Monteiro (2013), busco compreender a produção simbólica das crianças para além de um instrumento que revele as características dos traçados como evidencias dos estágios mentais pré-estabelecidos, que devam obedecer a uma lógica etapista, sequencial e universal. Essa compreensão etapista tornou-se referencial para apreender a produção simbólica pelo seu conteúdo subjetivo com fins

terapêuticos, avaliativos, ou como expressão das fases de desenvolvimento mental das crianças. Todavia, o olhar etapista sobre as produções simbólicas infantis o desvincula de toda a interação social que as crianças vivenciam e, conseqüentemente, dos sentidos que essa interatividade constrói.

Dotar de significados e sentidos o mundo que nos rodeia não é tarefa simples. Nem para crianças e nem para adultos. Os sentidos que as crianças “artesanam” em suas produções não são traduzíveis de forma tão clara para nós, adultos. O desenho [e aqui também podemos ler: o artesanato] infantil é rico de interpretações e exala a essência, os anseios, as palavras, o mundo das crianças.

Nessa direção, Staccioli (2014, p. 97) argumenta sobre a complexidade que a produção simbólica das crianças carrega ao ter como proposta comunicar algo aos outros, ao mundo, ou a si mesmas. Assim, o autor enfatiza que

Explicar o mundo não é uma operação simples, nem mesmo para adultos. Muitas vezes nos faltam palavras para dizer o que pensamos ou queremos que os outros compreendam. Nesses casos, precisamos de desvios linguísticos, de contornos de palavras para dizer, de similitudes, de metáforas. Sabemos de maneira implícita que não podemos dizer completamente o que gostaríamos de comunicar, conscientes de que o modo com o qual percebemos, pensamos, elaboramos determinado evento é, de qualquer forma, incomunicável, mas que, ao mesmo tempo, esse evento quer ser explicitado, trazido à luz, iluminado. Trata-se de uma operação altamente produtiva seja no plano cognitivo, seja como tomada de consciência do próprio ser no mundo. [...] desenhar os próprios pensamentos, suas próprias emoções, sua própria experiência vivida, suas elaborações. [...] Os desenhos das crianças muitas vezes nos surpreendem. [...] porque mostram tanto as coisas visíveis, quanto as que não se veem (STACCIOLI, 2014, p. 97).

É nesse misto de visível e invisível, na complexidade exalante de significados e sentidos das produções simbólicas infantis que se pode ir ao encontro do que as imagens infantis representam (STACCIOLI, 2014). Por isso que, quando estas produções são criadas no ambiente escolar, é preciso muita cautela, disponibilidade para a escuta, e é necessário um educador que não julgue e nem iniba as culturas infantis.

Cabe ainda a nós, adultos, educadores, compreendermos que por mais que as crianças nos falem sobre seu desenho [seu artesanato], nós não vamos chegar a esgotar todos os sentidos que elas depositaram em sua criação. Somos grandes e não mais pequenos, mas devemos olhar as produções infantis com ar de criança, com o intuito de nos aproximarmos do que realmente a criança expressa. Não devemos buscar níveis de competência, inteligência, personalidade ou o aspecto artístico produzido pelas crianças, pois “não se pode ler de maneira exaustiva ou significar com certeza um desenho das crianças quando ele é uma elaboração da realidade” (STACCIOLI, 2014, p. 111).

Nesse sentido, quando a criança cria, ela não tem o compromisso próprio da arte, ela quer deixar sua marca, ou seja, expressar sua subjetividade. Contudo, a criação infantil não é apenas representação do mundo. É “necessidade de uso de linguagens, ordenação do mundo interno, através do uso de signos pictóricos” (GOUVÊA, 2011, p.

561). E mesmo que a criança não tenha compromisso com o campo artístico, este é muito importante na construção da subjetividade e da cultura infantis.

As crianças não são artistas, mas procedem como artistas, tentando, como eles, explicar-se ao mundo utilizando um meio que não permite (como não pode fazer nenhum outro meio) explicar-se para o mundo. [...] O mundo não é sempre explicável, o mundo não é sempre conhecível. Mas o mundo é sempre interpretável. A interpretação usa linguagens para comunicar, e usa tantas delas: nenhuma exaustiva, nenhuma oferece completude (STACCIOLI, 2014, p. 107).

Assim o artesanato também deve ser compreendido. As crianças ao produzirem artesanatos estarão utilizando linguagens diferentes para ler o mundo que as cerca, e construindo outras leituras de mundo. Não serão artesãs, mas procederão como tal ao expressarem suas incompletudes. Quero compreender os artesanatos “para além de um olhar etapista” (MONTEIRO, 2013).

Compreender os sentidos dos artesanatos produzidos pelas crianças não é uma tarefa fácil, mas se transforma em mais um par de asas para as ideias voarem...

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU SERIA O INACABÁVEL DE NOSSAS IDEIAS?)

Ao “artesanar” esta reflexão, há a tentativa de descortinar discussões sobre artesanato, expressão estética da cultura popular como estimulador da produção simbólica de crianças. É um “artesanar” inacabado, pois não traz leituras de mundo com respostas prontas, técnicas ou permanentes, pois o texto não tem fim, já que as ideias voam.

Os sentidos que compreendo da arte e da estética bakhtiniana e freireana me motivam a pensar o artesanato para além de um artefato, para além da técnica. Dessa forma, meu olhar para o artesanato ganha sentidos coloridos, pois o artesanato apesar de ser um trabalho, um agir em prol do “ganha pão”, como simplesmente alguns o concebem, é também um agir para o outro, para a vida. É um trabalho sim, mas é um trabalho responsável e tecido com muitos sentidos, onde renascem e libertam os motivos para a existência. É um trabalho das mãos que traduzem os sentimentos dos corpos em busca do ato da humanização. Por isso, o artesanato é um objeto estético, ganha um sentido para o artesão diferente de quem o contempla ou o adquire. Assim, Bakhtin proporcionou-me olhar para o artesanato com olhos coloridos axiologicamente, mas que almejam visões na unidade da responsabilidade. Com Freire, meu olhar ganha um colorido educativo, e vejo o artesanato como a *boniteza* do *quefazer* da mão humana cultural.

O artesanato se torna a contextura para desenvolver uma proposta educativa que une vida e escola em contexto. Bakhtin e Freire me fazem pensar em uma Educação que seja práxis do “artesanar” coloridos axiológicos. Em outras palavras, uma pedagogia que seja ação e reflexão sobre e com a realidade das crianças, da mesma forma como vejo o artesanato: um *quefazer responsável*. Reflito sobre uma proposta educativa que

não seja apenas um ato mecânico, e que seja práxis de “artesanar” leituras de mundo. Desse modo, as criações infantis e as leituras de mundo pelas crianças buscam potencialidades no artesanato, o qual estimula o (re)criar e (re)significar o artesanato.

Nessa perspectiva, o artesanato serve de asas para as crianças, como gentes e agentes sociais, produtoras de cultura, se inscreverem na história com suas (re) leituras de mundo, mas que voem na incompletude, não por serem ainda pequenas e infantes.

Incompletude que estimule as crianças a não aceitarem imposições e restrições às suas criações culturais estéticas. Incompletude crítica, incompletude reflexiva, incompletude questionadora, incompletude estética. Em outras palavras, incompletudes de ideias que não as impossibilitem de ler o mundo, porque, mesmo que não possam escrever, pintam, desenham e “artesanam”.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. Histórias Vivas de Lutas: O Encontro entre Paulo Freire, Noemia Varela, Ana Mae Barbosa e Francisco Brennand. **VII Colóquio Internacional Paulo Freire: Educação como Prática da Liberdade: Saberes, Vivências e (Re)Leituras em Paulo Freire**. 19 a 21 de setembro de 2013. Recife: Campus da UFPE.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 2 ed. São Carlos, Pedro & João Editores, 2012.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV. **Discurso na Vida e Discurso na Arte**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. In: VOLOSHINOV, V. N. *Freudism*. New York: Academic Press, 1976.

BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV. **Marxismo e a Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

BARBOSA, Ana Mae. Paulo Freire e a Arte-Educação. In: GADOTTI, Moacir (org.) **Paulo Freire: uma biobibliografia**. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire; Brasília, DF:UNESCO, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação como Cultura**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2002.

CARMO, Patricia Santos de Sousa. **O Artesão Brasileiro: Intérprete da Cultura Regional e Artífice da Economia Solidária**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - PUCMG.

DERDYK, Edith. Papel em Branco. In: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezzato (Orgs.). **Infâncias e suas Linguagens**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Organização e notas de Ana Maria Araújo Freire. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Paulo Freire falando sobre Arte e Educação**. 2013b. (0m48s). Disponível em: <

<https://www.youtube.com/watch?v=u5Fdt4TDtRY>>. Acesso em 21 fev. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo; NOGUEIRA, Adriano. **Quefazer: Teoria e Prática em Educação Popular**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

GERALDI, João Wanderley. A diferença identifica, A desigualdade deforma. Percursos bakhtianos de construção ética através da estética. In: GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. Pedro e João Editoras, 2010.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares. Infância: entre a anterioridade e a alteridade. **Educ. Real.**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 547-567, maio/ago. 2011.

MONTEIRO, Adriana Torres Máximo. **Desenho Infantil na Escola: a significação do mundo por crianças de quatro e cinco anos**. 2013. 171p. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

REDIN, Marita Martins. Estética. In: STRECK, Danilo R. ; ZITKOSKI, Jaime José. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SARMENTO, Manuel José Jacinto. Infância, Diversidade e Expressão Simbólica. In: **Seminário Internacional Educação Intercultural**. Florianópolis: CED/UFSC, 2006.

SILVA, Everson Melquiades Araújo; AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de; SANTOS, Luciene Silva dos; ARAÚJO, Clarissa Martins de. **Diálogos Possíveis entre Educação e Arte: Influências do Pensamento Freireano na Arte/Educação Brasileira**. VII Colóquio Internacional Paulo Freire: Educação como Prática da Liberdade: Saberes, Vivências e (Re)Leituras em Paulo Freire. 19 a 21 de setembro de 2013. Recife: Campus da UFPE.

STACCIOLI, Gianfranco. Os traços invisíveis nos desenhos das crianças. In: GOBBI, Marcia Aparecida; PINAZZA, Mônica Appezato (Orgs.). **Infâncias e suas Linguagens**. São Paulo: Editora Cortez, 2014.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-101-5

